

Spártacus

Int. Institut
Soc. Geschiedenis
Amsterdam

Ano I — Numero 16

Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil

15 de Novembro de 191

QUINZE DE NOVEMBRO

Numa carta a Mirbeau, introduzida a *Les opinions de M. Jérôme Coignard*, Anatole France escreve: «Os conceitos do padre Coignard nos entremostam um desdém profético desses grandes princípios da Revolução e desses direitos da democracia sobre os quais firmamos, durante cem anos, com todas as violências e todas as usurações, uma série incoerente de governos insurreccionais, a condenarem, sem ironia, as insurreições.»

O céptico Coignard profetizava assim a República brasileira, de mocrata, liberalíssima e condenadora de qualquer insurreição.

O quinze de novembro é uma data revolucionária. Os republicanos, alguns dos quais vivos ainda, resolveram, apoiados tão somente nas forças militares, rebelar-se contra o direito constituído e a ordem política da nação.

Todos confessam, com o Sr. Ruy Barbosa á frente, que a revolução de quinze foi um golpe súbito, desferido por uma facção sobre o país bestializado. Foi uma insurreição, um levante, um crime contra o código penal do Império.

Mas, o próprio Império foi governo insurreccional, pois o grito do Ypiranga era a revolução contra o direito estatuido, contra a ordem legal da monarquia lusitana.

Melhór, porém, é que a República fornece aos padres Coignards e agora um argumento sobreecciente. Comparando-se o código penal do Império com o da República verifica-se, imediatamente, que os artigos desle referentes a insurreições, levantes, sedições, conspirações são cópia servilíssima, transposição com ponto e vírgula do outro, trocando apenas o que era império pelo que é república.

Assim, o Império, nacido de uma insurreição, condenava a insurreição e a República, nacida de outra insurreição, condena ferozmente qualquer insurreição.

E é natural isso. Todo regimen capitalista, monárquico ou republicano, presidencialista ou parlamentarista é, por vício próprio, compressão de um grupo sobre a maioria do trabalho. Firmados os aparelhos de sucção exploradora, a tendência é levar essa sucção a quanto possa a vítima aguentar. Logo, ha sempre medo que ela espiroteie, arrebenhando queixo e vasilhame.

Por isso, o Governo Provisório da República tornou as roscas fortemente á grila dos vencidos. Debalde o general Deodoro aconselhava que os deixasse combater, pela palavra, os atos do governo: ele, ignorante que era, aprenderia alguma cousa, da polêmica.

Não triunfou esse conselho. Em 23 de dezembro o Provisório decretava medidas radicais contra qualquer tentativa contra revolucionária e cerceava, rijo e forte, a liberdade de pensamento.

Eis como Eduardo Prado conta o fato. «No dia 24 teve o redator da *Tribuna Liberal* uma entrevista com o ministro da República, o Sr. Quinlino Bocayuva, e perguntou-lhe si o decreto de 23 sobre insurreição militar era aplicável á imprensa. Diz o redator: — Com a máxima franqueza logio respondeu o Sr. Quinlino Bocayuva que sim, isto é, que nas disposições do decreto contra os conspiradores a palavra *escritos* se referia a toda e qualquer publicação pela imprensa. — Neste caso, ponderamos-lhe, o decreto envolve a supressão da liberdade de imprensa, pois que outra cousa não é *arvorar-se o governo em censor do caráter mais ou menos sedicioso de um artigo*, e mandár que o jornalista seja submetido a uma comissão militar, e, sumariamente e militarmente, punido. — Não contestou, disse o cidadão ministro. — Por último e para evitar qualquer futuro equívoco dissemos

iriamos tornar publicas as declarações do Sr. Ministro. — Estão no seu direito fazendo-o, respondeu o Bocayuva. Só nos restava recapitular aquelas declarações e em breves termos o fizemos. 1º que o decreto de 23 de dezembro abrange artigos ou publicações do jornalismo: 2º que para os jornalistas increpados de sediciosos cessa o foro civil e ficam eles sujeitos ás penas da sedição militar, respondendo por seus escriptos a uma comissão de militares e 3º, que diante dessas resoluções deixou de existir a liberdade de imprensa mormente para os órgãos politicos.»

Em 1891, num manifesto ao povo, o sr. dr. Carlos de Laet nos conta porque abandonou a imprensa, vilima que foi de um alentado republicano e por lhe haver o governo da República, através do dr. José Hygino, seu ministro da justiça, declarado, sem tergiversar, que não podia garantir a liberdade dos jornalistas ameaçados.

Conta mais que os moços do clube *Tiradentes* em reuniões presididas por membros do Congresso, planearam o assassinio dos membros da comissão de exequias a d. Pedro II. A tudo assistia impassível o governo.

E clama o sr. Laet: «No terreno da propaganda ou nos deixam a liberdade ou não haverá democracia».

E conclue assim: «Mas o monarquismo não é um partido. É uma aspiração nacional. Nestas condições como discutir com quem não os deixa falar? Como opor o argumento ao tiro e á punhalada? Como ter em constante perigo a vida dos nossos colegas e dos honestos operarios que conosco trabalham? Ceder á força não é desdouro. Quem se deshonra é a força injusta e prepotente. A República em todas as suas fases tem sido a perseguição da imprensa.» E bradava: «Si nos calam os que o Terror se faz auxiliar da República».

Muito bem, dizemos hoje nós, enquanto o sr. dr. Laet, conciliado com a República, bale palmas, naturalmente, á repressão atual contra anarquistas.

Diremos, como disse ele: «O anarquismo não é um partido, é uma aspiração universal.» E, como o sr. Laet, não podemos discutir com quem não os deixa falar.

De modo que a República de 15 de novembro continua a ser a perseguição da imprensa. O projeto Adolpho Gordo é mais outra fase persecutória começada. E isso em nome dos principios revolucionarios de 89.

Mas, o presidencialismo republicano ou a República presidencialista é isso mesmo.

Não sou eu quem diz mas um dos fundadores dele, o sr. conselheiro Ruy Barbosa, amoraçador que foi da imprensa no governo provisório.

Na sua conferencia de Belo Horizonte em 1910, discursa ele sobre o poder do presidente: «Basta Bryce que anda por aí de mão em mão. Que poder, diz ele, em certos momentos, sobe a uma altura tremenda e se aproxima ao dos ditadores romanos? Na Inglaterra, é o mesmo autor quem o nota, ninguém, desde Cromwel exercen poderio igual ao de Abraham Lincoln na America do Norte.

Ali mesmo se tem dito que na Europa, de tal autoridade nenhum soberano dispõe ainda sinão o Czar. E ediante afirma: «Paul Bourget vai ao ponto de escrever que, no mundo moderno, as duas grandes monarquias absolutas são a Russia e a America do Norte».

E depois de citar Baldwin que abunda no mesmo estilo, o sr. Ruy Barbosa, por sua conta, nos declara que o presidente «uma vez eleito, durante seis mezes em cada ano, é ele os Estados Unidos mais

AS DEPORTAÇÕES

O governo vai prestar informações á Camara...

O Sr. Deputado Mauricio de Lacerda apresentou á Camara o seguinte requerimento de informações:

«Requeiro que, por intermedio da mesa, o governo informe com urgencia;

a) quantos individuos têm sido «expulsos» do territorio nacional este ano;

b) nome, idade, nacionalidade, estado e profissão de cada um;

c) qual o prazo de residencia no país, de cada um;

d) qual a nacionalidade da mulher, si forem casados, e a dos filhos, si os tiverem, sejam estes naturaes ou legitimados;

e) qual o motivo da expulsão de cada um, ou em virtude de que factos criminosos se verificaram essas medidas;

f) qual o acto ou facto criminoso que é imputado a cada um;

g) qual a provocação a acto ou facto criminoso praticado ou tentado por outrem, de que tenham sido autores;

h) quaes os termos do processo de expulsão de cada um, por copia, *verbum ad verbum*».

Vamos ver agora as informações que o governo vai prestar... Com a certeza de que nós aqui estaremos para desmentir as mentiras que elas levarem no bojo.

Isto vai ser belo!

Quanto nos custam os nossos benemeritos desgobernantes mais graduados...

Eis, segundo o projecto de orçamento do Ministério do Interior para 1920, os salarios annuos de alguns dos trabalhadores da nação:

Subsidio do Presidente da Republica, 120 contos; ao vice, 36 contos; gabinete do Presidente, 76 contos e 800 mil réis; despeza com o Palacio do Presidente, 100 contos; subsidio dos senadores, 774 contos e 900 mil réis; secretaria do Senado, 905 contos e 120 mil réis; subsidio dos deputados, 2,607 contos e 600 mil réis; secretaria da Camara, 1,243 contos e 331 mil réis; justiça federal, 2,053 contos e 364 mil réis; policia do Distrito Federal, 8,451 contos e 690 mil réis; Brigada Policial, 10,288 contos e 510 mil réis; etc., etc., etc.

Isto dá um totalzinho de: 26.657.315\$000.

E daí o justicadissimo horror ao bolchevismo, que marcará o fim desta bacanal...

«A Bandeira Vermelha»

E' este o titulo do novo semanario comunista portuguez, organ da Federação Maximalista Portuguesa. Bem feito e vibrante. Endereço: Rua do Arco do Marquez de Alegrete 30, 2º. Lisboa.

O patriotismo é uma religião politica. — NORMAN ANGELL.

realmente do, que Luiz XIV não chegou nunca a ser a França», e, ainda, que é «mais absoluto entre os ministros do que o sultão entre os membros do seu divan».

Logo, que vem a ser o 15 de novembro? Uma era nova, a era de um governo mais absoluto que o de Luiz XIV, que o do Tzar, que o dos sultões. E' o sr. Ruy Barbosa que o afirma; é o sr. Laet quem o acusa; é o próprio partido republicano que o declara recentemente num apelo ao nosso digno, briossissimo e independente parlamento.

Temos ou não temos razão?

José Otílica

Provavel violencia

Recebemos aviso de que a policia pretende, por estes dias, assaltar a redação de *Spártacus*.

Não duvidamos, á vista dos acontecimentos daqui e de S. Paulo.

A policia que venha. Encontrará na modesta sala onde trabalhamos coleções de jornaes, algumas centenas de folhetos, quatro cadeiras, duas mezas, um cabide, selos do correio, tinteiros, penas, lapis, tiras de papel, goma arabica, uma tezoura... E não ha mais nada aqui.

Temos mais a dizer que *Spártacus* está legalizado. De conformidade com o tremendo Codigo Civil, registramol-o na Biblioteca Nacional. Requeremos pagamento de imposto ao Tezouro Nacional e só não pagamos porque jornal sem oficinas proprias não paga imposto. Queremos licença á Prefeitura e desde que o Sr. Prefeito se digne deferir o nosso requerimento, iremos imediatamente pagar o imposto devido.

O aluguel da sala está pago, adiantado, até ao fim deste mez.

Assim, pois, nada devemos e nada tememos.

Que venha a policia! Destrua a redação de *Spártacus* e impeça-nos, pela força, de continuar a sua publicação.

Terá acabado com o anarquismo? Vá pretensão. Com isso a policia terá penas dado mais um golpe mortal na Constituição da Republica e, por conseguinte, reforçado as razões do anarquismo.

Podem depois tocar o hino, á vontade. Com a certeza de que nós não tiraremos o chapéu da cabeça...

A VICTORIA

Celebrou-se, esta semana, o primeiro aniversario da assinatura do armistício, data da Victoria... Victoria? Vale a pena reproduzir o belo artigo que, sobre isso, escreveu o deputado socialista francez Pierre Brizon, por ocasião da pomposa «Festa da Victoria», celebrada em Paris...

Não, não festejemos a Victoria... A Victoria é a guerra. E a guerra é a morte... Já ha mortos em demasia.

Tudo o dia trabalhei nos meus campos; e á noite vesti-me de luto, dentro da minha propria casa — eis o que me diz, numa carta, um velho lavrador cujos filhos morreram sob uma chuva de metralha.

Temos que fazer como o lavrador — trabalhar de dia; recolher, á noite, á casa; fechar as portas e vestir-mo-nos de luto...

Os nossos corações enristecem-se perante os sepulcros.

Os nossos corações enristecem-se perante as ruínas.

Os nossos corações enristecem-se perante as misérias e os sofrimentos que continuam a brotar da guerra.

Neste caso, abandonemos aos brutos que provocaram «isso», as festas e a alegria.

A morte de dez milhões de homens não se festeja. O trabalho, sim, pode festejar-se, mas com a condição de ser como o do lavrador, meu amigo.

A Sciencia e a Felicidade tambem devem ter a sua festa. E os desgraçados que tombaram não queriam sinão instruir-se na arte de ser felizes.

A Europa dourada, a Europa que manjava o leme sacrificou esses dez milhões de homens a interesses odiosos, a convencionalismos infames. Conduziu-os ao naufragio eterno. Lançou-os nos abismos da morte.

E todas essas «Festas da Victoria», todos os gritos, todas as «frases», toda a farça e toda a comedia não os farão ressuscitar...

De resto, não ha Victoria. O nada não se festeja.

Ha tres annos diziamos no manifesto de Kiental:

«Nem vencedores nem vencidos, ou por outra, todos vencidos, isto é, todos, sangrados, todos arruinados, todos esgotados: tal será o balanço desta loucura guerreira».

A 24 de Junho de 1917 declaravamos na Camara dos Deputados, selvagem e ululante:

«Com a juventude na sepultura, as melhores gerações sacrificadas, a civilização em parte destruida, a riqueza perdida, a desolação em todos os cantos, será a este triunfo que chamareis a Victoria?»

Só poderia haver Victoria si a

guerra tivesse sido morta para sempre, estrangulada pela propria guerra. Mas esse facto só se pode dar com o triunfo dos povos sobre os seus governos de rapina, de privilegios e de reacção.

Entretanto, escutai os gritos de guerra da reacção alemã:

«Impõe-se-nos o dever de mantermos o antigo espirito prussiano. Os nossos inimigos semearam o odio. Trataremos de cuidar da semente que eles espalharam até o nosso povo se tornar bastante forte para quebrar as cadeias que o manietam».

Isto é o chamamento á desforra, como se fez em França após a guerra de 70. Mas, então, ainda se pensa *negreanche*? Aqui, neste solo da França, ainda se fazem festas guerreiras sob a aparência de «Festa da Victoria»? Ainda vamos ter quartéis, soldados, armamentos, ruínas? E o militarismo, ainda continuará a ser o mesmo cancro das nações? E é a esta vida miseravel que a sinistra Internacional dos Brutos pretende conduzir novamente a humanidade?

Venha, pois, a onda do Socialismo, a onda que ha de subverter o velho mundo que tanto faz sofrer os homens. E — que este socialismo de paz e amor, de justiça e de bem estar, quer dizer, o Bolchevismo — execrado pelos malandros, pelos ladrões e pelas feras de todos os paizes — quebre os dentes, arranque as garras a todas as bestas selvagens.

Enão, sim, teremos conseguido a Victoria, a verdadeira Victoria. No meio duma alegria imensa, poderemos festejar-a. O sangue não mais correrá. As lagrimas tambem não: nem as dos velhos lavradores, nem as das mulheres, nem as das crianças. Poderemos viver livres, emfim, dessa maldição...

Aos nossos inimigos arrebatarmos os bens que a natureza deu a todos, — o carvão, o ferro, como lhes deu o ar e a luz. Poderemos ler todos os livros no meio da maior tranquillidade. Escutaremos a musica assombrosa dos grandes maestros e não o ruido dos canhões. E nunca mais nos havemos de arruinar com a metralha estúpida. E se Schneider o homem dos canhões falir, tanto melhor para nós...

Abaixo a guerra!... Pierre Brizon.

O valor das lei

E' cousa assente e sabida que qualquer lei escrita, no papel por mais liberal que seja o seu espirito, não passa dum sofisma desde que a massa popular não esteja á altura de a fazer executar e tirar dela tudo que possa dar de garantia e liberdade.

E' sabido tambem que, mesmo com pessimas leis, quando o nivel moral e revolucionario do povo está bastante desenvolvido obtêm-se conquistas extraordinarias passando-se por cima delas não as respeitando ou procedendo como si elas não existissem.

Na Inglaterra as leis não se revogam: envelhecem, caducam, esfazem-se. E quando se fazem leis novas é para consagrar as vantagens e conquistas que o povo e a população já desfructam sem que a lei tivesse intervenido para nada.

Ainda agora na Italia tivemos a prova exacta desta afirmativa. Os camponeses de diversas provincias invadiram as terras incultas dos grandes potentados territoriaes, apoderaram-se delas e começaram a cultivá-las, só fazendo o seu dever. Não havia leis que permitissem semelhante gesto. E o governo apressou-se em forjar decretos legalizando o esbulho já consumado, visto que fazer o contrario seria sustentar uma situação revolucionaria de facto.

A constituição brasileira era festejada e celebrada como uma das mais liberais de todo o mundo, baseada em sentimentos nobres, largos e generosos, dando garantias a gregos e troianos, digo a nacionaes e estrangeiros, prometendo respeitar todas as crenças, todas as aspirações politicas e sociaes dos cidadãos, etc., etc.

Realmente, no papel é assim mesmo. E durante alguns annos de regimen republicano pareceu não haver razão de queixa. E porque?

— Simplesmente porque o povo continuava a viver á moda antiga, afastado e alheado de todos os movimentos que tendes sem ao melhoramento da sua vida moral, economica e intelectual.

A Imprensa era livre!

Efectivamente, monopolizada pela burguezia, só dizendo o que a esta agradava, não havia motivos para que não continuasse a abarrotar o cerebro popular de credencias e potocas que o conservassem desviado do caminho que o conduziisse á sua libertação.

O direito de reunião era um facto! Naturalmente; pois si o povo se reunia somente para escolher os magarefes que o haviam de enganar e explorar, os tozadores que o teriam de tosquiar, comprehendendo-se perfeitamente que não houvesse perigo em o povo reunir-se.

Bastou, porém, que surgisse a imprensa operaria, debatendo as questões sob o ponto de vista inteiramente humano das reivindicações sociaes modernas, procurando orientar o operariado para a conquista imediata dalgumas melhorias na sua existencia, de pária e de escravo, para que jornaes fossem apreghendidos, suspensos, assaltados, empastelados... e a liberdade de imprensa era uma utopia!

Bastou que os operarios fundassem os seus sindicatos onde se reunissem e estudassem as questões referentes aos seus interesses de homens espezinhados e vilipendiados, expulsando a politica do seu seio e aprestando-se para a grande batalha que ha de derrubar este vil mundo burguez, canceroso e sífilítico, e nós estamos vendo em que resultou o direito de reunião: prisões, processos, expulsões...

Libre expressão de pensamento! E' por isso que os politicos estão forjando e aprovando de afogadilho uma lei de repressão anarquista onde o direito de reunião, a liberdade de imprensa e toda e qualquer liberdade é completamente suprimida, apagada, destruída. Quer dizer, a constituição brasileira, esse monumento jurídico que honrou o Brasil desde o advento da Republica, foi revogada, suprimida, mutilada, e o cidadão brasileiro ou não, fica á mercê do arbitrio de qualquer facanhudo esbirro policial.

Conclusão moral: a burguezia tem o topete de fazer lindas leis para inglês ver, para a fachada, para chamariz.

Em quanto o povo não se aproveita das garantias concedidas, as leis mantêm-se como peças inteiriças e servem de reclame ás instituições que se engendram.

Quando o povo, porém, já educado e orientado, se aproveita das leis para exercer os seus direitos e obter as regalias a que faz jus, a burguezia, a sua comissão executiva — o governo —, declara a Constituição revogada e apressa-se em improvisar uma legislação que constitua peias ao pensamento, obstáculo á liberdade, escamoteação á justiça, embaraços á razão, vilipendio ao direito.

Claro, a humanidade passará por cima mais uma vez. Os surtos do pensamento, as ancias de liberdade, a marcha do progresso, não se matam com leis, decretos ou portarias. E' servindo-os, é indo ao seu encontro, é aplaudindo o terreno, é alizando as arestas que se consegue sem choques dolorosos a evolução natural das cousas.

Quem tem ouvidos que ouça. Quem tem olhos que veja. Não digam depois: é demasiado tarde! é demasiado tarde!

Adelio

O manifesto da "Nacionalista"

A Liga Nacionalista de S. Paulo, acaba de publicar, no Estado de S. Paulo de 27 de Outubro findo, um "patriótico" manifesto ao operariado nacional, começando por dizer não ao programa dela intervir por qualquer forma em divergências que se levantem entre operários e capitalistas...

Como porém ela prevê um movimento político na actual agitação operaria na Paulista, rompendo o seu nacionalista programa, julga de bom aviso dizer ao operariado nacional que se precavenha contra os perigosos elementos estrangeiros que se misturam no seio das classes trabalhadoras unicamente com o fito de se intrometerem na nossa politica...

Que grandíssimos e veneráveis imbecis são esses nacionalistas! Então supõem vocês, seus patriotas, que n'os trabalhadores pretende-mos chafurdar na ganela em que se refestelam e refocilam os torpes exploradores do nosso braço e da nossa actividade?!

Não! Nunca! Nunca desceremos a tão ignominiosa casta parasitaria, somos produtores e não sugadores, somos vida e não inercia, somos honrados e probos e não ladrões e exploradores!

Como trabalhador brasileiro, homem livre e consciente, protesto contra as sandices articuladas no tal manifesto contra os meus irmãos trabalhadores, que nasceram fóra do Brasil e que para aqui vieram colaborar na riqueza desta imensa região, empregando a sua actividade em beneficio dos grandes piratas nacionais e estrangeiros.

Vós dizeis, no vosso infeliz manifesto: — "Como havemos de tolerar, calados, em nossa terra, a actividade de estrangeiros em problemas de que só os nossos poderes devem cogitar e as nossas leis devem reger?"

Muito bem. Ora vamos á, senhores! Nacionalistas, a começar pela imprensa vejamos qual a percentagem de estrangeiros e qual a de nacionais...

Caminhemos depois pela industria — vejamos si não é a mão de estrangeiros que estão todas as nossas fabricas e oficinas: olhemos para o commercio, o alto commercio e apreciemos si não é nas mãos estrangeiras que ele está completamente acamboyado!

Na nossa propria politica interna e externa quem é que nos movimenta, não a vontade insaciavel dos argentinos ingleses e americanos? Mas, contra esses vós não ousais abrir o bico, antes pelo contrario, para esses vós vós desfilais em salameques e zumbais e ante eles curvais a vossa cerviz, humildes e rasteiros como a tirica; esses não são "exploradores estrangeiros", são "explorados estrangeiros", que aqui aportaram com o firme proposito de explorar a terra, os homens e as instituições do paiz.

Ha, ainda no vosso manifesto, uma frase lapidária, que nós trabalhadores brasileiros desejamos tornar bem conhecida; é aquela em que vós dizeis: — "Aos operários estrangeiros diremos que o Brasil é nosso".

Saibam pois os trabalhadores es-

trangeiros que este bem fadado Brazil é dos senhores da Liga Nacionalista... e, portanto, si quizerdes fugir fazei-vos primeiramente ladrões ou capitalistas e d'estarte vós podereis aquinhoar com um naco deste vasto presunço; assim é preciso porque os nacionalistas só toleram calados a "actividade" de estrangeiros que pertencam á grei da alta rapinancia.

Quanto á vós, trabalhadores nacionais e estrangeiros, si continuardes a trabalhar em prol da revolução social, tereis como recompensa o calabouço ou a "legal" expulsão; nesta minha terra, (que mau habito é meu, chamal-a minha!) nesta terra é crime e crime nefando pregar-se o comunismo, desejar-se uma organização social baseada na verdadeira solidariedade entre os povos, onde não haja a exploração do homem pelo homem.

Aqui, neste liberalissimo Brazil, onde se está forjando as carreiras uma de lei de arrocho contra o pensamento, é prohibido dizer a verdade; aqui se galardoa o delator, o criminoso, e se pune e castiga o audacioso que queira dizer, de qualquer forma, aquilo que sente e que seja em beneficio dos que tudo produzem e nada têm; aqui, enfim, é o paraíso dos ladrões e do inferno dos trabalhadores!

Paciencia e acção... Na Russia tsarista era ainda um pouco peor, porque havia o kuzak, entretanto, como a Russia se pune, tanto em grandeza como nos habitos, com o Brazil é provavel, quasi certo mesmo, que os successos da desenrolados se repitam aqui também...

Lá havia um tsar; aqui além do tsar-ssu temos uma enfiada de tzar-mirim, cada qual mais realista do que o rei; por isso tratemos desde já de os ir relacionando a ver si tere-mos postes suficientes...

Não esqueçamos também de relacionar os senhores da tal Liga Nacionalista, pois que teremos um serio ajuste de contas no dia em que este Brazil for nosso!

Y-Juca Pirama

"A Plebe"

Os moços paulistanos, estudantes de direito e lacaio da Light e da policia, empastelaram "A Plebe". Mas "A Plebe" resurgirá. Mesmo com as oficinas e a redação destruídas, os nossos camaradas de S. Paulo ainda publicaram um numero rijo do valente quotidiano, no qual, com as merecidas chibadas na cara dos miseráveis, se lança um serio apelo ao proletariado paulista, no sentido de se adquirirem novas oficinas. O apelo não terá sido feito em vão e esperamos ter em breve na barricada, de novo, "A Plebe" resuscitada e imortal.

A proposito do empastelamento de "A Plebe", transcrevemos o protesto que, por telegrama, os estudantes do Recife enviaram aos estudantes de S. Paulo:

"Faculdade de Direito de S. Paulo. Corpo discente. — Bloco Estudantes Socialistas Recife protesta attitude reaccionaria estudantes paulistas, apoiando exploração capitalista. Esperamos vosso auxilio nobres conquistas proletarias."

Como se vê nem tudo está perdido no Brazil, mesmo entre estudantes...

Contra as leis de repressão

Uma conferencia do Dr. Theodoro Magalhães

Promovida pelo Centro Republicano Brasileiro, realizou o Dr. Theodoro Magalhães, quarta feira ultima, uma conferencia sobre as leis de expulsão e repressão actualmente em uso e projecto.

Jurista reputado e republicano sincero, o Dr. Theodoro Magalhães dissertou longamente sobre o assunto, examinando-o, com proficiencia e ardor, á luz da Constituição Federal, mostrando fartamente como os falsos democratas e usurpadores dos poderes publicos têm colocado o arbitrio dos seus tiranicos instinctos acima da lei fundamental do regimen.

A lei de expulsão de 1907, como o seu epíndice de 1913, como os actuaes projectos Adolfo Gordo e Arnolfo Azevedo, foram severamente e luminosamente criticados pelo conferenciista, que assistiu, com amargura e revolta, ás violações e ás delapções da obra revolucionaria de 1889.

E foi com insupportavel indignação que o orador se referiu aos delirantes e violadores, socios vilissimos da vilissima oligarquia em cujas garras vorazes vai a Republica se despedaçando e finando...

Coisas velhas

Completa-se agora a terceira década de governo republicano no Brazil... Não sei porque, deu-me a veneta, esta semana, em ler coisas velhas, do tempo do Imperio. Andei a fazer de traça, nas prateleiras empoeiradas de livros esquecidos, de brochuras bichadas, de panfletos antigos. E eis aqui um destes, cujo titulo me prendeu a attenção: *Os anarquistas e a civilização*, Edição Laemmert, datada de 1860. Escreveu-o: *Um Pernambucano*. E eu o rei, agora, entre risos, meio riso e quasi gargalhada, por vezes. Vale a pena reproduzir as suas invectivas mais rijas contra os "anarquistas", contra as "doutrinas loucas". Mas sabeis vós, que acaso me lêdes, quem eram os "anarquistas", e quaes as "doutrinas loucas", a que se referia *Um Pernambucano*, em 1860? Já o vereis...

X

Paginas 9 e 10:

"Quem é aquela formosa matrona, de magestoso porte, que, armada e coroada de raios, empunha um ceptro, e se recosta num trono, tendo a seus pés feixes de armas e escudos, e por attributos o leão, a serpente e a aguija, e no peito um diamante?"

E' a monarquia.

Quem é aquelloutra possessa, desgredhada a viperea coma, espedaçada as vestes, vendados os olhos, que em seu desordenado correr vai calcando o livro da lei, brandindo um punhal na dextra, e com a sinistra sacudindo incendiaría tocha?"

E' a anarquia.

Por onde se vê que os invectivadores anti-anarquistas de agora nem ao menos possuem o merito da originalidade. Mas não vos afobeis, que a coisa é outra... Continuemos.

Pagina 12:

"E, sem duvida, condição dos governos livres a tolerancia na emissão do pensamento; mas o abuso dista tanto do uso como o incendio do calor, como o naufragio da viagem, como a arma curia do assassino da espada do guerreiro."

Puro Adolpho Gordo. Puro Geminiano. Mas adiante.

Paginas 16 e 17:

"Monarquia e Brazil são duas palavras e uma só idéa: são alma e corpo, são indissociáveis quando inseparáveis. Atacar a monarquia é atentar contra a integridade, a grandeza, o futuro da nação."

E no entanto trez décadas se comemoram hoje que a monarquia foi atacada e morta... e não consta que o Brazil se tenha destruído com a separação.

Paginas 24 e 25:

"Não pode tolerar-se o cavaleiro, cujo escudo ainda é liso no serviço da patria comum, proclamar reflexes, servis, cobardes e egoistas, a tantos denodados cavaleiros, cujos braços assentam nas mil cicatrizes recebidas em defeza de seu solo. E' injusto; é barbaro; é vil!"

Não pensa de outro modo o Ministro Alfredo Pinto, hoje, 59 anos passados, e por isso deporta e persegue os novos "cavaleiros de escudo liso", que têm a audacia de arremeter contra os "denodados cavaleiros" de 1919...

Pagina 26:

"...desordeiros e anarquistas... Velho casamento, o desas duas palavras, sempre repetido pelos sacerdotes da Lei e da Ordem!"

Pagina 30:

"Para taes pregadores, a discordia é um principio, um meio, um fim, um desideratium."

O venerando Nuno de Andrade ou o ilustrado Ferreira Botelho não nos deliniriam com mais segurança...

Pagina 31:

"Apelaes para as revoluções, para a guerra civil?"

Pagina 32:

"Insensatos, que julgam corromper um povo, porque elucimam e corrompem alguns individuos!"

A velha aria da meia duzia...

Pagina 36:

"Indignas excitações não produzem sinão um effeito, o de pôr a nu, torpe, e cinicamente, as caniblicas intenções de desalmados revolucionarios."

Modelo perfeito do matraquear ordoiro dos nossos dias. Mas eis aqui, á mesma pagina 46, um trecho que pode sem deslustre figurar numa entrevista do Sr. Geminiano, e provando a legalidade e o constitucionalismo das perseguições de 1919:

"Si taes doutrinas audazmente arremessadas pela imprensa, não

são as que a legislação preveniu, quando no art. 68 do Código Penal pune até a simples tentativa de destruir a integridade do... (paiz), não sabemos a quaes o legislador se refere."

A' pagina 47, este paralelo acachapante:

"Falamos da ordem, da realza, do rei; venhamos aos pomposos vocabulos, que usam antepôr-lhes: liberdade, democracia, republica."

Maravilha-se o pensador de ver que, para debelar tres corpos se lhes oponham tres sombras; a tres solidas idéas contrariem tres palavras vãs."

Maravilhaes-vos, senhores?

Pagina 53:

"Consenti pois, vós, liberdades, que nós, progressistas da razão, olumiada pelo Evangelho, nos não finemos de amores por uma voz obsoleta, sinistra, que não rememora sinão ingratidões, e ostracismos, sempre vermelha de sangue, ou negra de luto, grito que acompanha todas as insurreições que abalam, que destroem, mas que não fundem."

Isto é autentico Kalespero da encarnação anterior...

Pagina 55:

"Democracia! Quem é essa filha dilecta das entranhas virgens da America?... Mas essa forma não existe, jámais nunca existiu: é um brinquedo infantil com que os habéis ludem os povos: é uma fabula, um mito, uma abstração, uma alegoria filosofica."

Utopia, quimera, sonho vão...

Pagina 57:

"Esses ambiciosos, falazes seductores: esses declamadores energúmenos e vãos, funambulos que com o talco das palavras fazem refulgir idéas negras..."

Isto não é do Sr. Andrade Bezerra, nem de Monsenhor Rangel.

Paginas 60 e 61:

"Exaltação sem fim, e sem freio, raiva mortal á ordem, encarnação de desejo de agitar e revolver, teimosa esperança de crimes... sede de vingança... sediciosas minorias..."

...sob a influencia dessa continua explosão de teorias barbaras, e de hediondas calunias, se tenta formar, lá no fundo da sociedade, lá onde se encontram as poixões grosseiras, e as intelligencias violentas (que nem sabem suportar nem compreender a ordem), uma milicia obscura de homens, capazes de tudo..."

Pagina 62:

Essa forma social "que toma por simbolo o tigre e o gato, isto é, a ferocidade, e a ingratidão, não convém ao povo, como o brasileiro, essencialmente brando, essencialmente generoso, e essencialmente reconhecido."

Tal e qual como hoje, e outro motivo não move o Sr. Alfredo Pinto sinão o de libertar o paceto povo brasileiro, o ordeiro operario nacional, do mau elemento estrangeiro e subversivo...

Pagina 73:

"...pregador de demagogia desenfreada, cega, furiosa, funesta á ordem e á liberdade... fidei certos de que sob esses diogenicos andrajosos se encobrem os mais hipocritas ambiciosos..."

Pagina 83:

"Emquanto tiverdes um soberano (o Brazil ha de tel-o sempre)... Chamar-se-á ele, hoje, Epitacio Pessoa?"

Um Pernambucano conclue tranquillamente o seu panfleto, confiando na solidez das instituições (pagina 91):

"Graças ao senso publico, essas ruias aspirações naufragarão no escolho de uma já solida educação politica deste povo prudente e sisudo..."

E 39 anos depois o 15 de novembro confirmava peremptoriamente a solidez das instituições defendidas por *Um Pernambucano*...

X

Já percebestes, de certo, quem eram os "anarquistas" e quaes eram as "doutrinas loucas", a que se refere o folheto em questão. Os "anarquistas" eram, em 1860, os propagandistas da Republica, e as "doutrinas loucas" eram as doutrinas republicanas.

Um Pernambucano definia a coisa assim, em termos irrevogáveis (pagina 71):

"A republica é pois a mentira, como a monarquia é a verdade, e que serão os agitadores republicanos?"

Ele os qualificava no decorrer da objurgatoria: loucos, utopistas, ambiciosos, exploradores, sanguina-

rios, traidores, velhos, vis...etc., etc. Os mesmíssimos qualificativos com que os republicanos de hoje mimoseam os anarquistas.

E até o dia 14 de novembro, eram os republicanos perseguidos e amaldiçoados ferozmente, pelos poderosos do Imperio. Este tinha a força ao seu lado, tinha a famosa guarda negra em reacção constante, e os propagandistas da Republica sofriam-lhes todas as violencias possíveis. Mas no dia 15 de novembro, a força bandeou-se para a Republica, a guarda negra desfez-se e o solido Imperio... desmoronou-se para sempre.

Ora, a historia é uma repetição. Como o solido Imperio de então, a Republica de hoje ha de também desmoronar-se. Não ha exercitos, nem marinhas, nem policias, nem tribunais, nem cadeias, nem decretos, nem Deus, nem o diabo que a salvem!

Maximo X.

A imprensa revolucionaria na Argentina

Cadeias, presidios, deportações, guardas brancas, ligas patrioticas... tudo isso tem sido empregado pela burguezia argentina contra o proletariado argentino — e tudo isso tem sido inefficaz.

Prova, temol-a na imprensa revolucionaria, que resurge. "La Protesta", o velho diario anarquista, cujas batalhas se contam por 22 anos de existencia heroica, está "de nuevo en la liza", — "con los mismos entusiasmos y energias de siempre".

"Tribuna Proletaria" é o titulo de outro quotidiano revolucionario, guerreiro social da primeira linha.

Iso, a não falar nos varios periodicos semanais, quinzenaes, mensaes, espalhados por toda a Republica, todos consagrados á obra fecunda da renovação.

De modo que as tremendas perseguições não adiantaram nada. Isto é, adiantaram isto: reforçar ainda mais o valor dos elementos capazes, chamar ás fileiras os da reserva e desenvolver a dedicação dos revolucionarios nacionaes — precisamente, pois, o contrario daquilo que pretendia a reacção burgueza...

O mesmo acontecerá no Brazil. E' da historia.

O Estado fará tantas leis quantos forem os interesses e como estes são inumeraveis a legislação deverá funcionar sem tregua. As leis, os decretos, os editos, as ordenanças e os mandatos cairão como granizo sobre o pobre povo. Passadas algumas gerações o solo politico encontrará-se á coberto duma tal camada de papel que os geologos terão que a registrar nas revoluções do globo sob a rubrica de formação papiacea.

De que servem as leis para quem pensa por si mesmo e pelos seus proprios actos responde? De que servem as leis para quem quer ser livre e se sente com forças para o vir a ser? Leis — teias de aranha para os ricos e poderosos, cadeias de aço para os pobres e humildes, cordelinhos magicos nas mãos do governo. — PROUDHON.

O mesmo acontecerá no Brazil. E' da historia.

O Estado fará tantas leis quantos forem os interesses e como estes são inumeraveis a legislação deverá funcionar sem tregua. As leis, os decretos, os editos, as ordenanças e os mandatos cairão como granizo sobre o pobre povo. Passadas algumas gerações o solo politico encontrará-se á coberto duma tal camada de papel que os geologos terão que a registrar nas revoluções do globo sob a rubrica de formação papiacea.

De que servem as leis para quem pensa por si mesmo e pelos seus proprios actos responde? De que servem as leis para quem quer ser livre e se sente com forças para o vir a ser? Leis — teias de aranha para os ricos e poderosos, cadeias de aço para os pobres e humildes, cordelinhos magicos nas mãos do governo. — PROUDHON.

O mesmo acontecerá no Brazil. E' da historia.

O Estado fará tantas leis quantos forem os interesses e como estes são inumeraveis a legislação deverá funcionar sem tregua. As leis, os decretos, os editos, as ordenanças e os mandatos cairão como granizo sobre o pobre povo. Passadas algumas gerações o solo politico encontrará-se á coberto duma tal camada de papel que os geologos terão que a registrar nas revoluções do globo sob a rubrica de formação papiacea.

De que servem as leis para quem pensa por si mesmo e pelos seus proprios actos responde? De que servem as leis para quem quer ser livre e se sente com forças para o vir a ser? Leis — teias de aranha para os ricos e poderosos, cadeias de aço para os pobres e humildes, cordelinhos magicos nas mãos do governo. — PROUDHON.

O mesmo acontecerá no Brazil. E' da historia.

O Estado fará tantas leis quantos forem os interesses e como estes são inumeraveis a legislação deverá funcionar sem tregua. As leis, os decretos, os editos, as ordenanças e os mandatos cairão como granizo sobre o pobre povo. Passadas algumas gerações o solo politico encontrará-se á coberto duma tal camada de papel que os geologos terão que a registrar nas revoluções do globo sob a rubrica de formação papiacea.

De que servem as leis para quem pensa por si mesmo e pelos seus proprios actos responde? De que servem as leis para quem quer ser livre e se sente com forças para o vir a ser? Leis — teias de aranha para os ricos e poderosos, cadeias de aço para os pobres e humildes, cordelinhos magicos nas mãos do governo. — PROUDHON.

O mesmo acontecerá no Brazil. E' da historia.

O Estado fará tantas leis quantos forem os interesses e como estes são inumeraveis a legislação deverá funcionar sem tregua. As leis, os decretos, os editos, as ordenanças e os mandatos cairão como granizo sobre o pobre povo. Passadas algumas gerações o solo politico encontrará-se á coberto duma tal camada de papel que os geologos terão que a registrar nas revoluções do globo sob a rubrica de formação papiacea.

De que servem as leis para quem pensa por si mesmo e pelos seus proprios actos responde? De que servem as leis para quem quer ser livre e se sente com forças para o vir a ser? Leis — teias de aranha para os ricos e poderosos, cadeias de aço para os pobres e humildes, cordelinhos magicos nas mãos do governo. — PROUDHON.

O mesmo acontecerá no Brazil. E' da historia.

O Estado fará tantas leis quantos forem os interesses e como estes são inumeraveis a legislação deverá funcionar sem tregua. As leis, os decretos, os editos, as ordenanças e os mandatos cairão como granizo sobre o pobre povo. Passadas algumas gerações o solo politico encontrará-se á coberto duma tal camada de papel que os geologos terão que a registrar nas revoluções do globo sob a rubrica de formação papiacea.

De que servem as leis para quem pensa por si mesmo e pelos seus proprios actos responde? De que servem as leis para quem quer ser livre e se sente com forças para o vir a ser? Leis — teias de aranha para os ricos e poderosos, cadeias de aço para os pobres e humildes, cordelinhos magicos nas mãos do governo. — PROUDHON.

O mesmo acontecerá no Brazil. E' da historia.

O Estado fará tantas leis quantos forem os interesses e como estes são inumeraveis a legislação deverá funcionar sem tregua. As leis, os decretos, os editos, as ordenanças e os mandatos cairão como granizo sobre o pobre povo. Passadas algumas gerações o solo politico encontrará-se á coberto duma tal camada de papel que os geologos terão que a registrar nas revoluções do globo sob a rubrica de formação papiacea.

De que servem as leis para quem pensa por si mesmo e pelos seus proprios actos responde? De que servem as leis para quem quer ser livre e se sente com forças para o vir a ser? Leis — teias de aranha para os ricos e poderosos, cadeias de aço para os pobres e humildes, cordelinhos magicos nas mãos do governo. — PROUDHON.

O mesmo acontecerá no Brazil. E' da historia.

O Estado fará tantas leis quantos forem os interesses e como estes são inumeraveis a legislação deverá funcionar sem tregua. As leis, os decretos, os editos, as ordenanças e os mandatos cairão como granizo sobre o pobre povo. Passadas algumas gerações o solo politico encontrará-se á coberto duma tal camada de papel que os geologos terão que a registrar nas revoluções do globo sob a rubrica de formação papiacea.

De que servem as leis para quem pensa por si mesmo e pelos seus proprios actos responde? De que servem as leis para quem quer ser livre e se sente com forças para o vir a ser? Leis — teias de aranha para os ricos e poderosos, cadeias de aço para os pobres e humildes, cordelinhos magicos nas mãos do governo. — PROUDHON.

O mesmo acontecerá no Brazil. E' da historia.

O Estado fará tantas leis quantos forem os interesses e como estes são inumeraveis a legislação deverá funcionar sem tregua. As leis, os decretos, os editos, as ordenanças e os mandatos cairão como granizo sobre o pobre povo. Passadas algumas gerações o solo politico encontrará-se á coberto duma tal camada de papel que os geologos terão que a registrar nas revoluções do globo sob a rubrica de formação papiacea.

De que servem as leis para quem pensa por si mesmo e pelos seus proprios actos responde? De que servem as leis para quem quer ser livre e se sente com forças para o vir a ser? Leis — teias de aranha para os ricos e poderosos, cadeias de aço para os pobres e humildes, cordelinhos magicos nas mãos do governo. — PROUDHON.

O mesmo acontecerá no Brazil. E' da historia.

O Estado fará tantas leis quantos forem os interesses e como estes são inumeraveis a legislação deverá funcionar sem tregua. As leis, os decretos, os editos, as ordenanças e os mandatos cairão como granizo sobre o pobre povo. Passadas algumas gerações o solo politico encontrará-se á coberto duma tal camada de papel que os geologos terão que a registrar nas revoluções do globo sob a rubrica de formação papiacea.

triufo da revolução, o regimen necessario do Terror vermelho.

O mesmo processo historico se verificou na França, em 1793, sob a dictadura do Comité de Salvação Publica.

Fica, pois, mais uma vez estabelecido que, no ciclo das revoluções, a violencia, como meio de governo, não é obra imediata dos revolucionarios, mas consequencia das tentativas contra-revolucionarias, feitas pelos amigos do regimen cahido.

Pretender que a contra revolução, ensaiando reconquistar o poder perdido, exerce um papel legitimo, seria admitir a excellencia da ordem anteriormente reinante.

Este é — na discussão do facto revolucionario russo — um argumento de que podem usar os partidarios do capitalismo, mas de que se não podem servir os socialistas, partidarios, por definição, da destruição da ordem burgueza.

Torna-se necessario que aqueles dos nossos, que ainda fazem reservas sobre este ponto da acção bolchevista, reconheçam que o regimen sovietista não se baseia em maior violencia que qualquer outro movimento revolucionario.

Mas, então, quando tiverem accedido esta verdade, hoje verificada pela entrevista de Lénine, eles deverão admitir ao mesmo tempo que o bolchevismo outra coisa não é que uma tentativa de realização revolucionaria da teoria socialista.

E essa não será a hora de desviar o pensamento em discussões estereis sobre os meios permitidos e os meios interditos de uma acção revolucionaria. Será bastante dizer si se está com ou contra a Revolução e as suas consequencias possíveis e prováveis.

Eugène Frol

"La Protesta"

E' o titulo de um novo combatente das fileiras libertarias da Italia — "periodico quindicinale di propaganda anarchica".

Seu redactor é o conhecido militante italiano Roberto D'Angio.

Endereço: Via Silvio Pellico 8, Spezia.

UM EXEMPLO LUMINOSO

A Federação Internacional dos Estudantes Socialistas envia a Barbusse uma carta entusiástica

Enquanto, em S. Paulo, os estudantes, rebaixam-se como cães à qualidade miserável de fura-grèves, defensores do capitalismo estrangeiro e empasteladores da imprensa proletária brasileira, na Europa os estudantes se organizam e formam ao lado das correntes revolucionárias do proletariado, com uma alta compreensão das responsabilidades do exemplo nesta grave hora de transformação do mundo. Que este exemplo luminoso fructifique entre aqueles dos nossos estudantes ainda limpos e os desperte para a luta fecunda!

«Querido e admirado Barbusse: Temos ouvido os constantes apelos que tendes lançado e vemos hoje com alegria que o programa da "Clarité" é conciso e tende a uma viva realidade. Dentro em pouco, não o duvidamos, veremos a Internacional do Pensamento poderosamente organizada, celebrar os Congressos periodicos e secundar os esforços da Internacional Operária.

A Federação Internacional dos estudantes socialistas, socialistas revolucionarios e comunistas dirigidos saudações fraternas e propõe-vos a mais estreita colaboração no terreno internacional e socialista.

O primeiro Congresso da nossa Federação celebrar-se-á em Genebra de 14 a 17 de dezembro próximo. Até ao presente aderiram já os estudantes organizados de 18 nacionalidades, representando um total de 20.000. Com a Internacional do Pensamento, queremos chegar a ser uma autoridade suficientemente forte para sermos escutados pelos poderes publicos para ajudar o advento da sociedade socialista.

Temos um programa pedagógico socialista que realiza, isto é, que preconiza, como meio de controle das reformas propostas e aceites, o sistema dos "Conselhos de estudantes", tal como existem ha muitos anos na Suíça e na Alemanha. Para alcançar os nossos fins temos necessidade de conquistar todas as simpatias, razão por que chamamos em nosso auxilio todos os homens de espirito livre, todos os escritores, intelectuaes e socialistas—desde o professor do povo ao mestre da Universidade.—O nosso Anatole France disse: «Tanto ou mais que o alimento e o ar, a educação transforma o homem». E nós cremos que, si o problema social assenta indiscutivelmente sobre questões economicas, tambem descança em grande parte sobre questões pedagogicas. Tomemos o mal na sua origem: a escola.

Tem a Internacional do Pensamento fins identicos aos da nossa Federação. O comité internacional dos estudantes socialistas roga-vos que examineis o projecto da sua organização, que é o seguinte:

«Necessitamos, em primeiro lugar, de estabelecer solidamente a Federação internacional dos estudantes socialistas e comunistas e criar um Comité permanente que assegure o bom funcionamento da Internacional. Quando este comité estiver constituído proporá aos Comités da Internacional Operária, da Internacional Sindicalista, da Internacional das Juventudes Socialistas e da Internacional do Pensamento, para que enviem delegados, ao local previamente combinado, a fim de decidir da constituição dum bureau central permanente no qual estas seis agrupações socialistas estarão representadas. Este bureau central organizará a acção que resulte do estudo das varias questões. Por-se-á de acordo com os professores, pedagogos, intelectuaes, jornalistas e deputados socialistas que possam fazer pressão sobre os poderes publicos, já pela sua influencia no seio das Universidades e Institutos, já por meio de campanhas na imprensa, já por meio de interpeleções parlamentares: os jornaes e professores poderão por-se de acordo acerca da internacionalização do ensino de Historia—considerada desde o ponto de vista social—posto que este é, sem duvida, o ensino que, tal como hoje se ministra, ocasiona as mais profundas e graves feridas na juventude. Trabalharão ainda pela internacionalização e completa gratuidade das Universidades, Institutos e Colegios; pela criação de Universidades Populares permanentes, de Teatros e Bibliotecas de Povo».

O Comité internacional dos estudantes socialistas não pode examinar o problema mais além da parte que directa e especialmente lhe interessava. Mas é evidente que

a actividade deste bureau central pôde estender-se a todos os dominios economicos e sociaes, pois as organizações que a integram, salvaguardada a sua completa autonomia, manterão com todas as suas forças as reivindicações por qualquer delas defendidas. Desenvolveremos o sindicalismo—meio legal—em todas as suas formas. Oponhamos á organização burgueza, cada dia mais carcomida e vascilante, uma organização precisa e formidável, para que nada seja deixado ao acaso no dia em que o proletariado internacional alcance o poder.

Sabemos que a união faz a força. Por isso, querido e admirado Henri Barbusse, vos expomos o nosso projecto, persuadidos de que o examinareis e que uma intelligencia fraternal sahirá deste estudo.

Vosso e da causa socialista.—Comité internacional dos estudantes socialistas.—Rue des Chaudronniers, 6 — Genebra—(Suíça).»

As leis são como as teias de aranha: si se é pequeno ou fraco, cai-se dentro delas; si se é maior ou mais forte, rompe-se a teia e foge-se. — SOLON.

Uma opinião respeitavel

O colendo Supremo Tribunal Federal, julgou, a semana passada, uma ordem de habeas-corpus pedida em favor do nosso amigo Everardo Dias. Foi denegado o habeas-corpus, por 7 votos contra 5, segundo divulgou a imprensa.

Esta mesma imprensa reproduziu longamente os debates travados em torno do caso. E o colendo Tribunal teve oportunidade de ouvir sobre o assunto alguns conceitos interessantissimos, que não resistimos á tentação de trasladar para estas colunas. Valemo-nos da versão do *Correio da Manhã*.

O Sr. Ministro Edmundo Lins declarou que não havia nada de excepcional nos artigos de Everardo, aos quaes attribuia a policia tremendas virtudes demolidoras e subversivas.

O Sr. Ministro Viveiros de Castro atalhou a observação do venerando colega:

«V. Ex. espera, então, que uma bomba de dinamite seja atirada aqui no recinto do Tribunal pelo paciente para depois acreditar o anarquista?»

Ao que retrucou o Sr. ministro Edmundo Lins: «E estaria ele no exercicio do seu direito de legitima defeza, uma vez que nós, juizes, não cumprissemos o nosso dever de observar e fazer respeitar os principios constitucionaes».

Como se vê, é uma grave, mas respeitavel opinião.

Que pensará o Sr. Geminiano a respeito dela?

NA RUSSIA

As tropas vermelhas do Soviet continuam a dar bordoadas grossas nos mercenários de Yudenitch, Denikine, Koltchak e outros miseraveis a soldo do imperialismo anglo-francez. Os telegramas burguezes nem mais disfarçam a derrota tremenda da reacção...

E com isso chega o inverno, que é tambem bolchevista.

E ainda com isso aumenta dia a dia a efervescencia revolucionaria na Italia, na França, nos Estados Unidos...

E' o mundo inteiro que se revoluciona, a passos largos para o comunismo triunfante. Toda gente vê e percebe isso claramente—menos os poderosos governantes do Brazil, que supõem que o Brazil ha de fazer excepção no mundo, com a sua democracia de piratas e de parvos. Brrr!

Nenhum homem rico pode ter produzido com o seu proprio trabalho tudo que possui, porque isso é materialmente impossível. — A. PELLICER PAIRAIRE.

Tres pessoas distinctas e uma só exploração verdadeira

Na ingloria e miseranda missão de ludibriar o povo, estas tres entidades: — Estado, Clero e Patronato — aliam-se num pacto solene e indissolvel que lhes garante, por tempo indeterminado, todo seu direito de escamoteação.

Cada qual, na esfera das suas attribuições, dispoñdo de forças incontestaveis, e que lhes são fornecidas e alimentadas pela inconsciencia dos proprios explorados, vão mantendo este circulo vicioso em que vivemos.

Os governantes, apoiados nas baionetas e canhões fabricados pelas proprias victimas da sua prepotencia, cream leis e deveres — para todos — mas que são impossos aos desprotegidos da fortuna.

Um pobre soldado que tenha a desfortuna de chegar á caserna tres ou cinco minutos depois do toque de recolher, terá que sentir sobre os hombros todo o peso bruto da disciplina militar: si é desrespeitado e ultrajado por um dos muitos senhores de galões e tem a altivez precisa para reagir, então é que o pobre diabo se arrepende tres vezes de ter nascido, porque além de ser mimosoado com uma serie de palavras que a decencia manda calar, não raro sofre os afagos pouco agradaveis das chibatadas no lombo, si não for parado, por trinta ou sessenta dias, numa infecta solidaria, donde, fatalmente, sahirá beriberico ou tuberculoso.

Quanto ao official, o que lhe pode acontecer de peor, é ser promovido na primeira oportunidade, por se ter mostrado energico zelador da ordem disciplinar.

Isto, quanto ao militar: agora, tratando-se de funcionarios publicos ou operarios do governo, cousas não menos interessantes se passam.

Assim é que, si um continuo, cujos vencimentos mal chegam para não morrer á fome, tem a infelicidade de encontrar um dos muitos individuos que têm negocio com o Estado e lhe promete pequena gra-

E CONTINUA...

A dictadura burgueza, que nos desgoverna, prosegue no seu programma reaccionario e liberticida...

As prisões se multiplicam. As ameças crescem de tom. As deportações continuam.

Foram presos, esta semana, os camaradas Caiazzo, Manzini e Mesquita, todos tres sapateiros. Seguirão no primeiro navio.

Isso para os estrangeiros.

Para os nacionaes — peor é o destino que os espera. A bem da segurança de almofadinhas, melindrosas, patifes da politica e cavalheiros da industria, irão purgar o pecado da sua altivez nas grades dos presidios ou — pelo que dizem — nos sertões bravios de Mato Grosso e adjacencias.

Ha um caso concreto, a apurar desde já. O camarada Pimenta desapareceu. Indo daqui para S. Paulo, por acceção da ultima grève, foi agadanhado, ao pisar na estação da Luz. Foi impetrada ordem de habeas-corpus em seu favor. Interrogada, a policia informou que não, que Pimenta não se achava preso... E não se sabe ao certo onde ele pára. Consta que o desterraram para o sertão...

Isto é uma infamia que brada aos ceus, e necessita de um movimento

de solidariedade da parte dos trabalhadores. Não é possível que as sistemas de braços cruzados aos sacrificios dos nossos camaradas mais dignos e dedicados, como João da Costa Pimenta.

O Centro Cosmopolita, daqui, a Internacional, de São Paulo, bem como as associações graficas de ambas as cidades, classes a que pertence Pimenta, estão no dever de tomar a dianteira do movimento.

Energia!

Já escritas as linhas acima, quando os jornaes noticiam mais tres expulsões, pelo «Ceylan», partido ante-hontem deste porto: Adriano Pinto da Costa, Manuel Fernandes Gomes de Amorim e Antonio Rodrigues da Silva.

Uma nota significativa. Com estes tres camaradas foi tambem expulso um outro individuo por uguez, processado como «vadio contumaz». E' a propria policia e são os proprios jornaes que acentuam a diferença entre o vagabundo e os outros — o que vale por confessar que os anarquistas, não sendo vagabundos nem capitalistas, são — trabalhadores.

Registremo-o.

Mas se o negocio se passa com um alto funcionario, a cousa muda de figura — e neste caso o negocio não será de 20 ou 30\$, não, ahi a cavação alinge a gorda maquia de 20 ou 30 contos — por que si o sujeito é pegado na falcatura, corre logo aos padrinhos, que são certamente trufos de cabeça, e então ordens são expedidas immediatamente, no sentido de evitar a divulgação do facto delictuoso. E a cousa morre ao nascer, evitando-se, dest'arte, o escandalo em torno do caso.

A mesma cousa que se passa com o simples continuo e o alto funcionario, dá-se com o operario e seu chefe.

Aquele, si carrega um pouco de metal para vender por oito ou dez tostões e é pegado, é despedido da officina e muitas vezes entregue á policia: mas si o moambeiro é um chefe qualquer, o resultado é diferente, porque este a mais das vezes, além de gozar de alta protecção na repartição em que trabalha, é tambem um forte cabo eleitoral, de sorte que os pausinhos são tecidos a bem da garantia do emprego do mestre-moamba, pois que, da colocação deste chefe relapso, depende em parte a grande força eleitoral dos politicos seus protectores.

Fica tudo como d'antes, no quartel de Abrantes...

Agora, no que respeita ao clero, muita cousas ha de importencia tambem.

Começaremos pela missa, por ser uma das suas maiores fontes de renda.

A esportula da missa deve ser expontanea, segundo opinião de entendidos no assunto: no entanto, os senhores ministros de Deus, zelando mais pelos seus interesses

Inda teima em desviar o excoise feito Que nos vai conduzir á Liberdade! Para firmar depois o seu conceito Chamando á Terra «minha propriedade»!

A Terra, o Mar, o Sol não têm senhores, São productos da propria Natureza! Onde os foram comprar os gosadores Que sustentam ser sua esta riqueza?

O trabalho do rico é sempre inutil, Seu dinheiro provém do desgraçado! Sendo uma classe improductiva e futil Deve ter o seu tempo terminado!

Emquanto o obreiro que é o factor de tudo Não tem pão para o lar, seu santuario, Eis que o nobre está farto e carrancudo Cogitando em minguar o seu salario.

Não vale produzir nem ser honesto Que o regimen protege o vagabundo; E' pois mister que o povo tenha um gesto... E' preciso fazer-se um Novo Mundo!

A lei da burguezia é letra morta, A justiça se troca por dinheiro, Mas o Povo moderno não suporta Que se faça leilão do mundo inteiro!

Adalberto Viana

Contra as expulsões

Já tiveram inicio, na Camara, os debates em torno do requerimento do Sr. Mauricio de Lacerda pedindo informações ao executivo a respeito das expulsões de anarquistas.

Ante-hontem falou o Sr. Nicanor Nascimento, combatendo a acção governamental. Hontem falou o Sr. Mauricio de Lacerda. Já antes havia falado o «leader» do governo Sr. Torquato Moréira, em defezo do governo.

Os jornaes de grande informação, quer dizer, todos os jornaes burguezes do Rio de Janeiro, apenas publicaram inexpressivos e apressados resumos dos discursos dos Srs. Nicanor e Mauricio. Alguns mesmo não publicaram uma palavra. E como o povo não lê o *Diario Official*, fica o povo na ignorancia total das opiniões sustentadas no parlamento contra a acção governamental.

Infelizmente não nos permitiu o pouco tempo que nos occupamos mais longamente com esses discursos, neste numero. Fal-o-emos na proxima semana.

Comtudo, acentuemos desde já o facto: mesmo fora dos meios proletarios avançados, vai-se avolumando a corrente de opposição e repulsa pelas medidas dictatoriaes do Sr. Epitacio contra as classes trabalhadoras. Nem tudo está morto, neste charco...

estabelece, outro fim não tem sinão auferir lucros.

Portanto, esses têm de ser conseguidos seja lá como for: porquanto, o que é preciso é que haja lucros.

De modo que uma das modalidades da exploração é a seguinte:

A materia prima subiu de preço: vai dahi o industrial aumentar, nos preços dos artigos de seu ramo de industria, tantos por cento quantos os que lhe aumentaram na materia prima, e assim, consegue resarcir o prejuizo: mas, como Bismark dizia que a ocasião pegava-se pelos cabelos, o industrial, astuto como todo homem de negocio, não perde a oportunidade que se lhe depara, de aumentar os seus lucros, eaverda então pelo caminho da redução do salario de seus operarios.

A uns, ele diz que aumentou o preço de seus artigos, devido á subida de preço do material: a outros, ele alega a mesma razão.

E a tosquia é geral: tão tosquizado é o freguez que compra, como o operario que produz.

Quem, porém, é mais prejudicado, neste jogo de prestidigitación, é o pobre operario que, embora reconhecendo, o mais das vezes, que está sendo ludibriado pelo patrão, não se sente com forças bastante para revoltar-se: ora temendo as forças dos baionetas do Estado, que vive de parceria com a burguezia; ora imbuído pelo sentimento de resignação pregado pelo padre que diz: os que sofrem resignadamente na Terra, alcançarão o Reino da Gloria no Ceu: — e outras vezes por temer que, sabendo da casa daquelle patrão, que tão miseravelmente o explora, possa faltar á familia o pão com que matar a fome.

E assim conjecturando, deixa-se ficar o trabalhador inconsciente, sob o guante de ferro, des tres pessoas distinctas e uma só exploração verdadeira.

Benedicto Preto.

Aos nossos amigos

Mais do que nunca se faz necessario todo o esforço para a manutenção da nossa imprensa. Nós aqui estamos dispostos aos mais extremos sacrificios para que *Spartacus* consiga atravessar, impavido e rijó, o desencadear da furia reaccionaria da burguezia. Que nos não falte o apoio moral e material dos nossos amigos, e esta folha ha de lutar sem desfalecimentos, no mais avançado das linhas de fogo, até o ultimo homem que nos restar nesta trincheira vermelha... *Spartacus* vive e viverá!

Aviso

Os camaradas que ficaram com ingressos para a conferencia pró «Spartacus», realizada no Centro Cosmopolita pelo jornalista Stefanowitch, e que ainda não satisfizeram as respectivas importancias, poderão fazel-o entregando essas importancias nesta redação.

Pequenas notas da guerra, da paz e da revolução

A ação da Libra

Anotamos, a vez passada, a notícia telegráfica segundo a qual o parlamento inglês votara uma autorização ao governo de Sua Graçiosa Magestade para emprestar 15.000.000 de libras ao General Denikine, que combate os bolchevistas por conta do imperialismo britânico e francês.

Mas esses 15.000.000 de libras vêm apenas somar-se aos muitos milhões já gastos por John Bull, paladino das liberdades muni- ciais, na miserável campanha de escravização do povo russo.

O Livro Branco inglês sobre as «crueldades bolchevistas», recentemente publicado, estampa as despesas nesse sentido feitas desde a assinatura do armistício até 31 de julho último:

Despesas ocasionadas pela ocupação e evacuação de Arkan- gel e Murmansk: 17.910.000 li- bras. A manutenção do exército do Cáucaso custou: 2.860.000 li- bras. As operações navais do Báltico e do Mar Negro montam- ra 5.200.000 libras. Total: 25.970.000 libras.

O Livro Branco publica ainda as despesas, feitas no mesmo período de tempo, com que o go- verno inglês tem ajudado Kol- tchak, Denikine e os Estados bálticos:

Koltchak: 14.430.000 libras. Denikine: 26.050.000 libras. Os Estados bálticos e o exército russo do Noroeste: 2.835.000 li- bras. Total: 43.315.000 libras.

Total geral de todas as despe- zas: 69.285.000 libras. Cerca de 140.000.000\$000, em moeda nos- sa... Apenas!

E assim vai a Inglaterra cum- prindo solenemente os grandes princípios da guerra: liberdade dos povos, luta contra o imperia- lismo, e outras lírias que taes!.. Mas que sucia de salafrios!..

Linda e sonora coisa!

Como a Estónia, a Letónia e a Lituânia e a Finlândia, também a Polónia tem absoluta neces- sidade de concluir a paz com os Soviets russos.

A situação económica e finan- ceira da Polónia é das mais crí- ticas. Entretanto, os aliados a obrigam a manter em pé de guerra 500.000 homens, em lutas constantes na Galícia, na Silé- sia, na Lituânia, etc.

São de facto os governos alia- dos que, em nome da decantada liberdade dos povos, obrigam o pobre governo polaco a essa ru- inosa política militarista. O povo da Polónia, operários e campones, deseja a paz. Mas os ga- binetes de Londres e Paris não o querem—e acabou-se!

E' o proprio Paderewski quem o confessa abertamente, numa entrevista concedida ao *Daily News*:

«Eu perguntei aos Aliados si eles desejavam que nós fizésse- mos a paz com os bolchevistas. Fizera-me saber que os Ali- ados queriam que nós continuás- semos a luta. A nossa sorte está ligada á dos Aliados e nós de- vemos seguir lealmente a sua di- reção neste assunto.»

Que linda e sonora coisa a Li- berdade dos Povos, pela qual os Lloyd George e os Clemenceau se bateram—isto é, mandaram os soldados se baterem...

Na America

Sobre a crise social nos Esta- dos Unidos, escreve Phedon em *l'Humanité*:

«Com a guerra, a fortuna pu- blica cresceu ainda mais, com o aumento fabuloso dos capitais; mas cresceu também, em sentido inverso, a servidão dos assala- riados, pois o aumento dos sala- rios não igualou o encarecimento do custo das subsistências. Re- sultado: o desequilíbrio, a desor- ganização mundial da produção ameaçando as massas com um período de fome e de desocupa- ção.

Assim, sob a influencia pre- miente dos acontecimentos eco- nómicos, as fracções socialistas aumentaram de modo imprevis- to. O sindicalismo revolucionário, representado pelos Operários In- dustriais do Mundo (I. W. W.) desenvolvem-se celeremente, ape-

zar da coerção governamental, e paralelamente surgem, pela pri- meira vez, tendencias divergen- tes no seio da conservadora American Federation of Labor.

A especulação dos trusts atin- giu, na America, proporções inauditas. Os Packers de Chica- go, fabricantes de conservas de carne, outrora denunciados por Upton Sinclair no seu belo livro *a Jungle*, levaram ao cumulo as suas operações, dominando a alimentação de 100 milhões de homens. Os fabricantes de calça- dos cometeram abusos taes, que um inquerito federal reclamou pesadas medidas contra eles. A corporação do petroleo ganhou 700 milhões em 1918...

Ora, os lucros imensos, do grande capitalismo se baseiam na extorsão do proletariado. Este, por mais aumento no salário, não pôde prover ás mais elementares necessidades. As grèves destes ultimos mezes, grève dos trans- portes, grève do aço, grève do carvão, visavam antes de tudo melhoria nas condições de vida dos trabalhadores, mas elas têm adquirido tanta amplitude, que não podem deixar, mais cedo ou mais tarde, de degenerar em mo- vimento de subversão social. Quando as Fraternidades dos ferroviários, com Plumb, recla- mam a expropriação dos acionis- tas e a nacionalização, quando elas ameaçam, em caso de re- cusa, de ir até á revolução, isso significa claramente que é novo o caminho por onde, enveredam.

Até agora, o reformismo do operário americano era, de um certo modo, um obstáculo á transformação universal. Mas eis que a sua consciencia de classe des- perta, caminha e se afirma. E' um sintoma de primeira ordem.»

A revolução italiana em marcha...

Sobre a aventura de Fiume, claro é que a imprensa burgue- za só nos fornece informes uni- lateraes, favoraveis a D'Annun- zio, e esquece totalmente as no- ticias contrarias.

Eis, por exemplo, o que pu- blicava o *Avanti!*, em 25 de se- tembro, dirigindo-se aos compa- nheiros desmobilizados da união socialista romana:

«Todos os associados que ain- da estão de posse do uniforme militar, particularmente os gra- duados, são convidados a guar- dal-o. Todos os associados, que possuem grau de oficial, são con- vidados a enviar á união socialis- ta romana os seus endereços, com a indicação do respectivo grau.»

E o *Avanti!* acrescentava, em comentário:

«Desde que se permite a uma infima minoria (e pescadores de aguas turvas levantar amea- ças, á mão armada, contra a imensa maioria do paiz, pensa- mos que também nos será per- mitido, a nós e aos nossos com- panheiros, recorrer ás medidas de defesa necessarias.»

Finalmente, prevendo a even- tualidade da proclamação duma república dos conselhos de ope- rários, camponeses e soldados, o *Avanti!* publicava as seguintes indicações:

1.º O principio da necessidade da força para vencer e para as- segurar a victoria do proletariado reclama a adoção de um progra- ma de organização defensiva bem diferente da antiga ordem da nação armada, apreçoada pe- los socialistas antes da guerra, mas hoje insufficiente diante dos acontecimentos.

2.º A organização defensiva do proletariado armado, cujo fim immediato e provisório consiste em assegurar as conquistas revolu- cionarias e resistir aos esforços contra-revolucionarios da bur- guezia, deve assentar nesta base fundamental: gestão directa do poder pela força armada. Aos conselhos de operários e de cam- ponezes devem corresponder os conselhos de combatentes, os quaes deverão assumir todo o governo disciplinar, tecnico e administrativo das massas e su- bstituir o actual poder oculto ou interessado do estado-maior.

O comando, bem como a di- reção das usinas será tomado in- dividualmente por delegação e

sob a fiscalização dos órgãos do governo colectivo.

O registro e o recrutamento deverão ser estritamente locais e inspirar-se no principio da des- centralização federalista.

Não é prudente excluir *a priori* e não é possível na pratica des- prezar os elementos activos e po- sitivos do exercito burguez, os quaes, ao contrario, deverão ser aproveitados, pôndo-se, especial- mente os tecnicos, na absoluta impossibilidade de causar danos de qualquer especie, antes colo- cando-os na necessidade de con- sagrar toda a sua competencia ao novo exercito, a exemplo do que fez Trotski na Russia.»

Partido Comunista Operario dos Estados Unidos

John Reed e seus adeptos, que acabam de abandonar o partid socialista nacional, formaram um agrupamento cujo programa se baseia nos seguintes pontos: Di- ctadura do proletariado; naciona- lização da industria e da fi- nança; aliança com os spartacis- tas alemães e os bolchevistas russos; implantação do regimen dos soviets para reprimir a falsa democracia burgueza e a buro- cracia capitalista.

Esta nova organização, que tomou o nome de Partido Comu- nista Operario, é francamente bolchevista e não oculta os seus planos de estabelecer no paiz norte-americano a dictadura do proletariado e o sistema dos con- selhos de operários e soldados. O partido socialista nacional so- freu com esta cisão um rude golpe e o bolchevismo interna- cional vê as suas fileiras engros- sadas duma nova e aguerrida le- gião.

O «artigo 18» em pratica...

Episodio da grève ferro-viaria inglesa, contado por um corres- pondente do *Diario de Noticias*, de Lisboa:

«Logo aos primeiros dias da grève, o governo conseguiu pôr em circulação 6.000 comboios em todo o territorio do paiz. Graças á admiravel educação pratica e profissional inglesa, estes com- boios eram conduzidos por vo- luntarios de todas as classes e condições: officaes, soldados des- mobilizados, industriaes e enge- nheiros, alé generaes e almiran- tes—e até bispos e outros ecle- siasticos! Quasi não houve pro- prietario de automovel que não offerecesse immediatamente o seu carro para transportes intra e ex- tra-urbanos, prestando-se quasi sempre a guial-o ele mesmo. As- sim, qualquer «freguez» circu- lava nas ruas de Londres dentro de um automovel luxuoso, le- vando como «chauffeur» um mi- lionario ou titular conhecido!»

Esta noticia é preciosa. Estes burguezes e burguezotes, fun- dando a grève, davam razão aos grévistas: a agitação operaria se produz em resultado da desigual- dade económica; a desigualdade económica resulta, primeiro do direito burguez de propriedade privado e segundo do direito bur- guez ao não trabalho. Ora, si os burguezes, na hora da neces- sidade, se mostram aptos e capa- zes para o trabalho, isso prova que o seu «direito» ao não tra- balho é um direito falso, e que não trabalhando, como não tra- balham (em trabalho positivo, productivo, entenda-se), estão roubando a comunidade e dando, por consequencia, causa ao gran- de desequilíbrio economico actual no mundo—motivo este das gré- ves. Ingresse, pois, toda a bur- guezia na classe do proletariado, contribua com o seu trabalho para a produção geral e a crise actual terá desaparecido e com a crise as grèves. E' isto precisa- mente o que nós pregamos. E' exactamente isto o que, em eco- nomia, estatue o bolchevismo, no art 18: *Quem não trabalha não come...*

Sendo mostrado a Bias, um dos sete sabios da Grecia, um templo cujas pa- redes se achavam cobertas de promessas e ofertas de marinheiros salvos de nau- frágios, após haverem dirigido fervoros- sa preces aos deuses, perguntou ele: — Bem, mas onde estão as ofertas daquelles que morreram afogados de- pois de implorar socorro?

«A Razão» e as suas razões

«A Razão», que se arrogou o papel de mentora dos trabalha- dores e que apesar das manifes- tações havidas em desabono de tal pretensão ainda continúa na mesma habilidade, vendo que fa- liram os processos até aqui em- pregados para envolver o meio trabalhador (espiritismo, maxi- malismo, comunismo e, si não é exagero, até anarquista já foi), meteu-se agora a sindicalista.

O caso não mereceria reparos de maior, porquanto este pro- cesso misticizador de fazer *opinião publica* não é novidade alguma das rodas jornalisticas burgue- zas, é de todos os tempos, mór- mente dos nossos dias. Mas o que constitue novidade é a forma inédita que dá ás suas *habilida- des* e que por denotarem a mais absoluta falta de habilidade irri- tam não só as pessoas de bom senso—a nós proporciona-nos bom humor—como, decerto, a seus proprios colegas no folclicismo. Porque, si a burguezia, a *Ordem* e o Sr. Epitacio não dispuzes- sem de outros recursos e de de- fensores mais inteligentes, bem poderíamos levar as mãos á ca- beça, pois que a causa deles es- taria desde já irremediavelmente perdida.

Porem, *felizmente*, assim não su- cede. Com a deportação de traba- lhadores que se destacaram pela sua actividade no meio sindical, quer pela sua intelligencia, quer pela boa vontade e dedicação, «A Razão» vem procurando insi- nuar com uns tantos disparates que, embora não nós façam a menor sombra, antes pelo con- trario, convém comtudo aprovei- tal-os para dar uma lição de que «A Razão», e com ela alguns tra- balhadores—bastante carece, já que se meteu a *defensora* dos sin- dicalistas.

Não vamos fazer uma exposi- ção detalhada sobre sindicalismo, pois que para isso teriamos de fazer um minucioso estudo re- trospectivo, mas apenas, a traços largos, mostrar a diferença que possa haver entre sindicalismo e anarquismo.

Houve noutros tempos uma Internacional de trabalhadores (talvez a «A Razão» não saiba disto) a que se denominou de pri- meira. A paginas tantas da sua existencia deu-se uma cisão em seu seio do que resultou forma- rem-se duas correntes, dois gru- pos, com metodos e tacticas opo- stas. Um tomou o nome de marxis- ta, o outro de anarquista. O pri- meiro aconselhou os trabalhado- res a servirem-se do sufragio para a conquista dos poderes publicos e por intermedio deste decretarem as reformas sociaes, ao passo que o segundo conse- lhou os trabalhadores a conqui- starem por suas proprias mãos tudo o que lhes diz respeito, isto é, fóra da engrenagem politica.

O primeiro deu origem a que nos parlamentos tivessem assen- to os representantes dos traba- lhadores (que em vão esperaram pelas reformas); o segundo de- terminou, com a sua propaga- da, que os trabalhadores se or- ganisassem em sociedades de re- sistencia, conquistando as refor- mas immediatas pela *acção directa*, dentro do criterio extra-parla- mentar. E as coisas foram evol- uindo... Passados tempos esbo- çou-se uma nova corrente afirman- do que os trabalhadores nos sin- dicatos se *bastavam*, tomando o nome de sindicalista e assim a organização operaria se tornou um sistema com finalidade: o sindicalismo. Foi o filho que, depois de creado, se emancipa da tutela do pae. Conclusão: os sindicalistas batem-se pela su- pressão do regimen do sala- riato e consequentemente pela posse da direcção da produção. Como, porém, a pretensão dos sindicalistas é fundamentalmente anti-capitalista, que o mesmo é dizer anti-estatal, anti-constitu- cional e extra-legal, como diabo quer «A Razão» ser sindicalista ou defensora dos sindicalistas e como tal revolucionaria, pregan- do ou defendendo a revolução e ao mesmo tempo estar de boas com o governo, com quem está o cargo de defesa da Ordem Capitalista e que os sindicalis- tas, mais do que qualquer (mais mesmo do que os anarquistas) detestam e se insurgem a cada momento? Esta faz lembrar a do pobre sapateiro quando lhe deu para tapar rabecão.

Isidoro Augusto.

Da burguezia

Afinal, Petrogrado não cahiu, e Denikine, a grande esperança do burguez, está em cheque! O capitalista, que nos momentos di- ficeis do bolchevismo esfregou as mãos e sorria escarninhamen- te, em sinal de regosio torpe, a estas horas coça a cabeça des- apontado, ao constatar o fracasso dos seus queridos Denikine, Yudenitch e outros. Todavia os periodicos capitalistas não ces- sam de apregoar aos quatro ven- tos a decadencia do bolchevismo, quando, na verdade, o exercito vermelho avança, triunfante, le- vando de roldão as tropas mer- cenarias que não podem vencer porque não têm fé que as esti- mule. Quando se convencerá a burguezia do poder formidavel do maximalismo? E até quando estará disposta a ladra burgue- zia a tripudiar sobre a miseria e a sugar o sangue e a alma do pobre trabalhador que para não morrer de fome se sujeita a tra- balhar como uma besta para re- ceber no fim do mez, da mão viscosa do patrão, meia duzia de mil réis, dados de má vontade! Triste falar! Desgraçada vida! Trabalhar de sol a sol, quotidianamente, para afinal de contas não possuir um tostão, e anga- riar todos os males! Ah! si o po- bre trabalhador tivesse a consci- encia da sua fortaleza, sem du- vida que a estas horas, sob o céu glorioso que nos cobre, nem mais um vampiro ousaria sorver-nos o sangue!

Trabalhador humilde e pusil- lanime, convence-te que és mais forte que o teu vil patrão! Ele será mais poderoso porque pos- sue milhões, porém tu és mais forte porque possues todas as virtudes e a força do teu braço! Que é o teu patrão?... Um ga- tuno, indubitavelmente! Sim... um gatuno—porque a mim nin- guem me convence de que o Sr. Fulano e o Sr. Sicrano da Silva adquiriram uma fortuna de mi- lhares de contos de réis pelo tra- balho honesto, de alma honrada como a vossa.

E além de ser gatuno é tam- bem traidor.

Vós, que perseverastes na hon- radez e no trabalho, fcastes para- traz, ao passo que o crapuloso, de falcatrua em falcatrua, era guindado ao fastigio!

O teu patrão é, quasi sempre, além de gatuno um traidor. Em- quanto honesto e pobre, fazia causa comum contigo, quando comia o insipido «pão que o diabo amassou», anatematisando a corja vil dos açambarcadores, invectivando em linguagem rude e potente a burguezia solerte.

Porém, como trazia no cora- ção o «demonio da perversidade» e na alma danada a sedução do ouro, preferiu ao trabalho honesto—a traficancia e o furto. Os que são fundamentalmente bons não sahem da cêpa torta. E'le sabia isso. Resolveu pois, lan- çar mão da tranquiheria.

Assim, impingindo gato por lebre, vendendo por doze mil réis o que lhe custou mil e du- zentos, conseguiu enriquecer em pouco tempo—em dois anos! Este individuo moralmente é um pária, é uma abjeção do univer- so. Pertence, na escala zoologica, á classe dos reptis. Jamais pôde pertencer á classe dos antropoi- des.

Apezar de possuir cinco, dez, mil contos (ou por isso mesmo) não sabe escrever e mal soletra! Para escrever o seu nome em- prega uns gatafunhos que não se parecem nada com as letras do alfabeto: escreve mecanicamen- te, como quem faz um desenho.

E' claro que acima da preocu- pação de aprender a ler e a es- crever estavam outras preocupa- ções mais poderosas e indubita- velmente mais productivas: a preocupação de explorar o seu semelhante e a de vender a filha. E' dahi (quem sabe!) talvez a solercia bronca o não ajudasse!

Destes tipos contam-se cente- nares. Não obstante, os jornaes classificam-nos de «conceituado negociante». «Um dos cavalhei- ros mais distintos da nossa so- ciedade», etc., etc.

Oh! tanta infamia e desfa- tcz brada aos céos!...

Desde o momento em que mon- tou um prostibulo, uma casa de fazendas ou uma venda—a cau- sa da burguezia adquiriu mais um respeitavel... tratante, e, *ipso facto*, passou a ser considera- do um transfuga infame.

Administração

NS. 14 E 15

ENTRADAS

Venda avulsa	273\$400
Assinaturas	3\$000
Ferrão	2\$000
F.	5\$000
Marceneiros	7\$000
Sapateiros	100\$000
Jacob	5\$000
Lista Izauro	15\$000
Oliveras	10\$000
V. Gonzalez (B. Hori- zonte)	50\$000
Isidoro M. e outros	54\$000
Guerino P. e outros (Campinas)	47\$000
J. Souza (pacotes)	7\$600
315	5\$000
Th. Silveira (S. João d'El Rey)	25\$000
Alfredo Martins	5\$000
Bottino (pacotes)	12\$000
J. Poula	3\$000
Colin	5\$000
A. Bernardino	1\$000
M. e S. A.	10\$000
Lista extra Pinto (reslo)	1\$700
Lista n. 64 (Rocha)	26\$500
Construção Civil	50\$000
E. Coselli (pacotes)	8\$000
Lista n. 50 A (Bottino)	14\$000
Colecta na C. Civil, dia 7	61\$500
Lista n. 61	20\$000
M. Quesada	100\$000
Um sapateiro	1\$000
M. Medeiros	5\$000
J. Rodrigues	5\$000
Eustachio e outros	10\$000
João	2\$000
J. Placido (Pará)	12\$000
Total	961\$700

SAHIDAS

Composição e impres- são n. 14	440\$000
Composição e impres- são n. 15	452\$000
Selos	48\$500
Passagens	17\$700
Carrelo	15\$500
Aluguel de casa	40\$000
Administração (2 sems)	70\$000
Redação (2 semanas)	56\$000
Estampilhas	1\$200
Deficit do n. 15	68\$200
Total	1:208\$900

RESUMO

Entradas	961\$700
Sahidas	1:208\$900
Deficit	68\$200

A imensa maioria dos casos que pas- sam diante dos nossos tribunales broda simplesmente da miseria, da má edu- cação e suas consequencias, e desapare- cerá com o estabelecimento de condições sociaes convenientes. — EDWARD CARPENTER.

EXPEDIENTE

Spártacus publica-se sob a res- ponsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e adminis- tração a cargo de Astrojildo Pereira.

A redação e administração de Spártacus acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1.º, sala 10. Toda a corres- pondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

As assinaturas de Spártacus podem ser tomadas sobre a base de 18000 por serie de 12 numeros.

Preço para os pacoteiros: 18000 por pacote de 12 exemplares.

Spártacus aparecerá aos sába- dos, enquanto não puder publicar- se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.

Começa, então, a explorar, sem dó nem piedade, o pobre operario, que, com mulher e sete filhos, trava uma luta titanica entre as conveniencias e os ins- tintos que clamam vindicta, — para sobreviver á miseria.

Diz algures o autor do «Quo Vadis?»: «Todo o homem tem em si a sua tragedia». E, na ver- dade, poderá haver mais esqui- liana tragedia que a do pobre operario martirisado e escarne- cido?

Fernando de Rosalva.